

A “língua desportuguesa”. Próclise no português angolano e no português moçambicano¹

Ana Maria Martins

anamartins@letras.ulisboa.pt

*Centro de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa
(Portugal)*

ABSTRACT.

The expansion of proclisis in contexts that typically exclude it in European Portuguese has been described as a syntactic feature that characterizes Angolan Portuguese. This article studies the presence of this feature in the literary language, based on a corpus of texts by Angolan and Mozambican authors, representing two generations: authors born in the colonial period (the Angolan Pepetela and the Mozambicans Mia Couto and Paulina Chiziane) and authors born after the independence of their countries (the Angolan Ondjaki and the Mozambican Lucílio Manjate). The study results show that proclisis has a stronger presence in the works of Angolan authors than Mozambican authors, suggesting that the shift towards the generalization of proclisis is more advanced, socially widespread and accepted in Angolan Portuguese than in Mozambican Portuguese, although it is visible in both. It is in non-finite domains that the contrast between the two African varieties is more evident. Not only is the frequency of proclisis to the infinitive higher in the Angolan Portuguese corpus, but only there is proclisis to the past participle attested. Comparing the two generations of writers, we see a significant rise of proclisis to the infinitive between Pepetela and Ondjaki and it is in Ondjaki's works that proclisis to the past participle occurs. Regarding the Mozambican Portuguese corpus, however, there seems to be a regression in the advance of proclisis between Mia Couto and Manjate. A closer look at *Rabhia*, by Manjate (2017), suggests that young speakers with a high level of education may perceive the spread of proclisis as a socially marked feature.

KEYWORDS.

Proclisis; Angolan Portuguese; Mozambican Portuguese; comparative approach; variation; linguistic change.

RESUMO.

A expansão da próclise em contextos que tipicamente a excluem no português europeu tem sido descrita como um traço sintático caracterizador do português angolano. Neste artigo estuda-se a presença deste traço na língua literária, a partir de um corpus de textos de autores

¹ Agradeço às organizadoras do presente volume o convite para contribuir para esta homenagem a Ana Maria Brito, colega e linguista cuja obra e incansável labor académico muito admiro. Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00214/2020 e SynAPse, PTDC/LLT-LIN/32086/2017.

angolanos e moçambicanos, representativos de duas gerações: autores nascidos no período colonial (o angolano Pepetela e os moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane) e autores nascidos após a independência dos seus países (o angolano Ondjaki e o moçambicano Lucílio Manjate). Os resultados do estudo mostram que a próclise tem uma presença mais forte nas obras dos autores angolanos do que dos autores moçambicanos, sugerindo que a mudança no sentido da generalização da próclise está mais avançada, socialmente difundida e aceite no português angolano do que no português moçambicano, embora seja visível em ambos. É nos domínios não finitos que o contraste entre as duas variedades africanas é mais forte. Não só a frequência da próclise ao infinitivo é mais elevada no corpus de português angolano como só aí se atesta a próclise ao participio passado. Na comparação entre as duas gerações de escritores vê-se um forte crescimento da próclise ao infinitivo entre Pepetela e Ondjaki e é nas obras de Ondjaki que ocorre a próclise ao participio passado. Já relativamente ao corpus de português moçambicano parece ver-se uma regressão no avanço da próclise entre Mia Couto e Manjate. Uma observação mais atenta de *Rabhia*, de Manjate (2017), sugere que falantes jovens com um nível de educação alto poderão percecionar o espraio da próclise como um traço socialmente marcado.

PALAVRAS-CHAVE.

Próclise; português angolano; português moçambicano; abordagem comparativa; variação; mudança linguística.

1. Introdução: objetivos e corpus de trabalho (dois lugares, duas gerações)

O escritor angolano Ondjaki (nascido Ndalú de Almeida na Luanda pós-colonial) tem usado o termo “língua desportuguesa” para identificar o português não constrangido pela norma portuguesa (ou seja, a norma linguística de Portugal). Nas palavras de Ondjaki, a língua desportuguesa não é “de dicionário” (e quem diz dicionário poderia dizer gramática, ou ambos), é “a língua portuguesa mas com a influência das modalidades, do ritmo, da loucura que é a língua portuguesa de Angola”.²

A língua desportuguesa é a celebração quieta, e digo quieta porque não é uma celebração contra alguém, é uma celebração de

² Veja-se a entrevista concedida pelo escritor no âmbito do I Festival das Culturas da UNILAB (19-22 de julho de 2016) em <https://unilab.edu.br/2016/07/25/entrevista-escritor-ondjaki-conta-sobre-sua-escrita-influencias-e-relacao-com-a-lingua-portuguesa/>. Pode entender-se igualmente como ideia de *desportuguesamento* da língua portuguesa a seguinte declaração do escritor moçambicano Lucílio Manjate (nascido no Maputo em 1981): “a publicação de autores africanos que escrevem em português é importante porque permite edificar esta língua também africana por herança e direito histórico”. <https://www.noticiasominuto.com/cultura/756655/a-literatura-nao-permite-conceber-ilhas-diz-lucilio-manjate>

cada um, uma celebração quieta daquilo a que Mía Couto chamou uma vez de "a minha língua portuguesa". Ele disse: "A minha pátria é a minha língua portuguesa". Achei isso muito bonito, a maneira de ele desconstruir coisas grandes como uma frase de Fernando Pessoa e, ao mesmo tempo, dizer de maneira delicada exactamente aquilo que queria dizer. A língua desportuguesa é de facto a língua de liberdade estética. Não creio que deva haver uma língua desportuguesa nos dicionários para ensinar às crianças, não é disso que falo, não é aí que eu opero. Eu não opero com língua de dicionário, eu opero com língua de barro. E a língua do dicionário não é de barro. <https://www.publico.pt/2020/12/12/culturaipsilon/noticia/ondjaki-nao-opero-lingua-dicionario-opero-lingua-barro-1942247>

Na entrevista concedida ao jornal O Público, em 12.12.2020, da qual se extrai a citação acima, Ondjaki esclarece que a língua desportuguesa não é só de Angola, antes tem geografias diversas, podendo ser de qualquer dos lugares em que se fala português.³ Mas na tetralogia de fundo autobiográfico que retrata pelos olhos do pequeno Ndalú a vida na Luanda dos anos 80 (Ondjaki 2003, 2007, 2008, 2020) a língua desportuguesa corresponde ao "português angolano", "português de Angola" ou apenas "angolano".

– Há dez anos aqui e nunca aprendeu o português de Angola. Estes soviéticos são uma vergonha do socialismo linguístico – a Avó Catarina falou. (Ondjaki 2008: 27)

O português angolano do Camarada Botardov era mesmo muito engraçado, mas nós tínhamos conseguido descodificar. (Ondjaki 2008: 28)

O Camarada Bilhardov saiu com cara desanimada e não fez nenhuma piada

³ A citação acima continua:

A língua de Barros, de Manoel de Barros, essa também é desportuguesa. A língua de Guimarães [Rosa], a língua de Mía [Couto], a língua de [José] Luandino [Vieira], a língua do guineense Abdulai Silla, mesmo, de vez em quando, a língua do moçambicano Luís Bernardo Honwana e do Manuel Rui. Esses andavam a praticar há muitos anos uma certa língua desportuguesa. A língua desportuguesa é uma espécie de máscara de Zorro ou de subcomandante Marcos. Ela não é minha, não é tua, não é de ninguém. Poderá haver um autor português, um autor timorense, um nigeriano que aprenda português, mas que queira escrever com língua desportuguesa. <https://www.publico.pt/2020/12/12/culturaipsilon/noticia/ondjaki-nao-opero-lingua-dicionario-opero-lingua-barro-1942247>

no português angolano dele falado com sotaque soviético (Ondjaki 2008: 118)

- Acho que não foi bem isso que ele disse.
- Mais ou menos. Também ele fala só à toa.
- Mas fala à toa em cubano enquanto nós só falamos à toa em angolano. (Ondjaki 2008: 123)

Quando Ndalú fala ao telefone com o primo português, filho da tia Dada, que vive em Portugal, ri-se do português “dos tugas”, este designado na tetralogia por “língua portuguesa” ou apenas “português” e visto como distinto do português angolano tanto pelas crianças como pelos mais velhos, ainda que com perspetivas diferentes.

estórias da PraiaDoBispo no tempo dos tugas, com menos poeira que agora e as pessoa parece que falavam diferente (Ondjaki 2008: 116)

O telefone tocou. Fui a correr, estava convencido de que era a tia Dada. Eu não lhe conhecia, mas já tinha falado com ela muitas vezes ao telefone, então era muito engraçado, porque eu só conhecia a voz dela. Uma vez ela pôs-me a falar com o filho dela, e passámos a tarde toda a rir, eu e as minhas irmãs, por causa da maneira como ele falava. Eu quase nem conseguia responder, estive quase pra me atirar no chão de tanto rir, até a minha mãe teve de dizer que eu estava com cólicas na casa de banho. A minha tia dava menos vontade de rir, porque ela falava muito devagar, tinha assim, como dizem os mais velhos – e o Cláudio não me pode ouvir a dizer isto –, ela tinha uma “voz doce”. (Ondjaki 2003: 24)

- Não, SenhorTuarles, estávamos só numa missão também aí.
- “Também aí”? Que português é esse que andam a vos ensinar na escola? Ahn? (Ondjaki 2008: 99)

- Avó, eles vão desplodir todas as casas, né?
- Diz-se explodir, filho, não fales assim que as pessoas pensam que não sabes falar português.

- Gosto mais de dizer “desplodir”, fica mais uma palavra de rebentar mesmo, explodir parece uma chama devagarinho.
- Está bem, mas dizes só em casa essas tuas palavras inventadas. (Ondjaki 2008: 119)

- Mas diz-se “halofote” ou “holofote”?
- Diz-se “aquela luz grande que ilumina o lugar onde nós queremos passar sem sermos apanhados”, seu espertinho!
- Calma só, foi só uma dúvida de língua portuguesa.
(Ondjaki 2008: 156)

No livro *Bom Dia Camaradas*, o narrador-personagem Ndalú refere com humor e sensibilidade sociolinguística um traço particular do português angolano, a colocação antes do verbo (proclítica) de um pronome pessoal átono que “os tугas” colocam depois do verbo (enclítico).

- Então ele só abana quando eu abro a janela... E não se abana, pai, não é bem abanar...
- Então é o quê? – fez-me um sinal com o dedo para eu começar a comer a torrada.
- É espreguiçar... o abacateiro está a espreguiçar-se... – ao dizer “espreguiçar-se” eu afinei, como fazem os tугas, porque o normal era eu dizer “a se espreguiçar”.
(Ondjaki 2003: 82)

Neste trabalho observaremos precisamente aspetos da colocação dos pronomes clíticos enquanto indicadores de características do português angolano e do português moçambicano suficientemente consolidadas para terem expressão na língua literária.⁴ O corpus estudado é o que se identifica no Quadro 1 e inclui, tanto para Angola como para Moçambique, escritores representativos de duas gerações: os nascidos no período colonial (o angolano Pepetela na década de 40, os moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane na década de 50) e os nascidos após a independência

⁴ Gonçalves (2000) descreve traços do português angolano e do português moçambicano refletidos nas obras literárias dos escritores Luandino Vieira (Angola) e Mia Couto (Moçambique), mas não se ocupa da colocação dos pronomes clíticos. Mia Couto é um dos autores que integra o corpus estudado no presente artigo.

dos seus países (o angolano Ondjaki e o moçambicano Lucílio Manjate). A abordagem comparativa a adotar permitirá, assim, não só comparar entre si as variedades do português angolano e moçambicano, e estas com a variedade europeia, mas também observar possíveis diferenças geracionais dentro de cada uma das duas variedades africanas. Todas as obras que integram o corpus foram publicadas depois da independência de Angola e de Moçambique e são maioritariamente do século XXI (exceptua-se o livro de Mia Couto *Cada homem é uma raça* que teve a sua primeira edição em 1990).⁵ Pepetela, Ondjaki, Mia Couto e Lucílio Manjate têm o português como língua materna,⁶ enquanto Paulina Chiziane tem o chope, tendo aprendido o português na escola.⁷ Na observação dos dados a realizar nas secções 2 e 3 esta diferença será tida em consideração.

⁵ Mutali (2019) analisou a colocação dos pronomes clíticos em duas obras de Pepetela separadas por algumas décadas. Em *Mayombe*, escrito em 1970-71 e publicado em 1980, a colocação dos clíticos é integralmente a do português europeu, enquanto em *A Sul. O Sombreiro* apresenta traços bem marcados do português angolano. Isso mostra a importância da data de produção/publicação das obras para os autores nascidos no período colonial.

⁶ Embora não a tenha encontrado informação explícita sobre a língua materna de Lucílio Manjate, deduzo ser o português da seguinte citação:

O autor diz fazer parte de “uma geração a quem lhe foi negada a possibilidade de falar em língua bantu” e que, exatamente por isso, “procura, hoje, resgatar algo que nunca teve, mas que faz parte do seu imaginário: as línguas bantu e toda a sabedoria que elas encerram, porque os nossos pais, tios e avós falavam nessas línguas, mesmo na nossa presença.” <https://www.noticiasao minuto.com/cultura/756655/a-literatura-nao-permite-conceber-ilhas-diz-lucilio-manjate>

⁷ Em entrevista publicada na *Revista Estudos Feministas*, vol. 26, nº 2, Florianópolis, 11.06.2018 (<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n245904>), diz Paulina Chiziane:

T: Eu gostaria de saber como era a sua relação com a língua portuguesa na infância...

P: Foi muito conflituosa, porque eu venho de uma família que não queria saber da língua portuguesa, portanto eu nunca falei português em casa dos meus pais. Comecei a falar português na escola e, então, foi muito difícil a adaptação na escola para uma criança que não sabia nada da língua portuguesa...

T: E que não entendia também o significado daquilo...

P: Levou tempo, levou tempo, e acho que três anos depois já falava um pouco melhor etc. E fui evoluindo, crescendo e aprendendo na língua portuguesa, mas a língua materna ficou bem no fundo.

T: O chope, não é?

P: Sim, o chope.

T: Você fala o ronga também?

P: Falo, não tão bem. O changane, não tão bem, mas o chope falo perfeitamente.

QUADRO 1 - Autores e obras estudados

Autor	Data de nascimento	Lugar de nascimento	Língua materna	Obra	1º ed.
Pepetela	1941	Angola (Benguela)	português	<i>A Sul. O sombreiro</i>	2011
Ondjaki	1977	Angola (Luanda)	português	<i>Bom dia camaradas</i>	2003
				<i>Os da minha rua</i>	2007
				<i>AvóDezanove e o segredo do soviético</i>	2008
				<i>A bicicleta que tinha bigodes</i>	2011
				<i>O livro do deslembramento</i>	2020
Mia Couto	1955	Moçambique (Beira)	português	<i>Cada homem é uma raça</i>	1990
Paulina Chiziane	1955	Moçambique (Manjacaze)	chope	<i>Niketche. Uma história de poligamia</i>	2004
Lucílio Manjate	1981	Moçambique (Maputo)	português	<i>Rabhia</i>	2017

Os dados correspondentes a cinco das nove obras que integram o corpus foram extraídos de trabalhos de outros autores. A colocação dos pronomes clíticos em *A Sul. O sombreiro* (Pepetela) e *Os da minha rua* (Ondjaki) foi estudada na tese de mestrado de Henrique Mutali (2019), a cujos anexos recorri para extração dos dados. No seminário de Linguística Histórica que lecionei no ano letivo de 2020-21, os meus alunos Maren Stilz, Yang Quan e Consuelo Browne estudaram a colocação dos pronomes clíticos, respetivamente em *AvóDezanove e o segredo do soviético* (Ondjaki), *Cada homem é uma raça* (Mia Couto) e *Niketche. Uma história de poligamia* (Paulina Chiziane). Os três trabalhos, tal como a tese de Mutali (2019), encontram-se listados nas referências bibliográficas.

No português angolano, o alargamento da próclise a contextos sintáticos que não a permitem no português europeu tem sido descrito por diversos autores (e.g. Chavagne 2005, Inverno 2009a,b, Gerhards 2018, Mutali 2019),

enquanto outros põem a tónica na instabilidade da colocação pronominal e aparente generalização da variação próclise/ênclise independentemente do contexto sintático (e.g. Soma Adriano 2015, Hagemeyer 2016). No presente artigo interessa-me perceber até que ponto o alargamento da próclise, em linha com o primeiro grupo de autores e com o "*a se espreguiçar*" de Ondjaki, ganhou espaço na língua literária em Angola e, possivelmente, Moçambique. Naturalmente não deixarei de verificar se também se vê no corpus estudado a expansão da ênclise, em linha com a ideia de variação generalizada na colocação dos pronomes clíticos de autores como Hagemeyer (2016).

A secção 2 é dedicada à colocação dos pronomes clíticos em frases finitas e mostrará que a expansão da próclise em frases afirmativas sem itens "proclisadores" (i.e. palavras ou constituintes que quando precedem o verbo induzem a próclise) tem frequência elevada no conjunto das obras estudadas (tanto de escritores angolanos como moçambicanos), enquanto a frequência da ênclise em orações subordinadas, frases negativas e afirmativas com proclisadores é globalmente marginal, tendência de que, no entanto, destoa o moçambicano Lucílio Manjate. Notam-se diferenças geracionais tanto entre os escritores angolanos como entre os escritores moçambicanos, mas as diferenças são mais acentuadas para Moçambique e parecem envolver questões de percepção sociolinguística. A secção 3 trata da colocação dos pronomes clíticos nos domínios não finitos (sobretudo infinitivo simples e particípio passado). Nestes contextos sintáticos, há uma diferença clara entre os textos angolanos e os moçambicanos, sendo a expansão da próclise mais expressiva nos primeiros do que nos segundos. A diferença geracional entre os dois autores angolanos surge neste caso bem marcada e manifesta-se em sentido oposto ao que se observa nos domínios finitos: na cliticização ao verbo finito, Pepetela é mais proclisador que Ondjaki; na cliticização ao infinitivo simples Ondjaki é mais proclisador que Pepetela e só em Ondjaki se atesta próclise ao particípio passado. A secção 4 conclui o artigo, sintetizando os resultados do estudo e identificando possíveis linhas de pesquisa.

2. Próclise/ênclise em frases finitas na língua literária de Angola e Moçambique

O quadro 2, abaixo, mostra a frequência da próclise e da ênclise ao verbo finito em dois tipos de contexto. Na metade esquerda do quadro estão representados os contextos em que no português europeu padrão teríamos necessariamente ênclise (frases afirmativas que não incluem, a preceder o verbo, itens desencadeadores de próclise – cf. Martins 2013, 2016). Na metade direita do quadro estão representados os contextos que apresentariam necessariamente próclise no português europeu padrão (frases negativas, frases afirmativas com proclisadores e orações subordinadas). Os dois tipos de configurações sintáticas estão exemplificados, respetivamente, pelo par de frases (1)-(2), por um lado, e o par (3)-(4), por outro. Cada exemplo corresponde a uma das colunas do quadro (a ordem crescente dos exemplos segue a orientação da esquerda para a direita no quadro).

- (1) – Ndalú, vai buscar um prato e os talheres para o Abranches comer no próprio prato dele
 a minha mãe *me disse* com voz de ordem (Ondjaki 2020: 39)
- (2) – e sendo no teu próprio prato, fica ainda melhor
 a minha mãe *piscou-me* o olho (Ondjaki 2020: 37)
- (3) Acho que ela *se assustou* e ficou quietinha (Ondjaki 2003: 56)
- (4) – Acho que ela *trouxe-te* uns sapatos bem bonitos (2003: 52)

QUADRO 2 - Próclise/ênclise em frases finitas não-V1 (português angolano)

	afirmativas s/ proclisadores		negativas, subordinadas, afirmativas c/ proclisadores	
	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise
Pepetela (2011)	275 (66,7%)	137 (33,3%)	729	0
Ondjaki (2003)	9 (7,6%)	109 (92,4%)	125 (94,7%)	7 (5,3%)
Ondjaki (2007)	22 (22%)	88 (88%)	87 (98,9%)	1 (1,1%)
Ondjaki (2008)	51 (50,5%)	50 (49,5%)	203	0
Ondjaki (2011)	10 (55,6%)	8 (44,4%)	34	0
Ondjaki (2020)	29 (22,5%)	100 (77,5%)	179	0
TOTAL	396 (44,6%)	492 (55,4%)	1357 (99,4%)	8 (0,6%)

Um primeiro resultado muito claro que se extrai do quadro 2 é que a próclise ocorre com frequência muito significativa nas frases afirmativas sem proclisadores, estabelecendo uma clara diferenciação entre português angolano e português europeu. Pelo contrário, a presença da ênclise nos contextos que no português europeu exibem próclise obrigatória é marginal (globalmente, o número de ocorrências é inferior a 1%) não havendo neste domínio diferença significativa em relação ao português europeu. Admitindo que o português angolano está a evoluir no sentido da generalização da próclise (um caminho que já foi feito pelo português brasileiro), este é exatamente o quadro esperado. Olhando agora para aspetos de variação no corpus, vemos que há mais próclise em Pepetela do que em Ondjaki nas frases afirmativas sem proclisadores e que há diferenças entre os textos de Ondjaki nos dois tipos de contextos considerados. A primeira diferença poderia ser tida por geracional e indicativa de uma travagem na tendência para a expansão da próclise (os 66,7% de próclise de Pepetela comparam com uma oscilação em Ondjaki que, abstraindo do livro publicado em 2003, se situa entre os 22% e os 55%). Embora seja arriscado fazer interpretações com base num corpus tão reduzido (e que tenho bem presente que é um corpus de língua literária), talvez em *A Sul. O Sombreiro*, de Pepetela, vejamos um uso mais vincado da próclise como marca identitária do português angolano (cf. a nota 4 acima), sendo a diferença entre os dois autores sugerida pelo corpus apenas estilística. Comparando entre si os textos de Ondajki, é o mais antigo, *Bom Dia Camaradas*, que se singulariza, quer por apresentar a percentagem mais baixa de próclise em frases afirmativas sem proclisadores quer pelas 7 ocorrências de ênclise em orações subordinadas (3 completivas, 2 relativas, 1 clivada, 1 consecutiva), que comparam com a inexistência de tal colocação nas obras posteriores. Ter-se-á acentuado, depois de 2003, o à vontade com que Ondjaki escreve em língua desportuguesa? Outra interpretação arriscada, que vale o que vale.

Enquanto o quadro 2 nos dá os valores da próclise e da ênclise nas frases finitas em que o verbo não ocupa a primeira posição na frase, o quadro 3, a que correspondem os exemplos (5) e (6) mostra-nos esses valores nas frases com verbo inicial. Esta separação na quantificação dos dados justifica-se por se saber que, historicamente, nas línguas românicas em

que a próclise se generalizou nas frases finitas (espanhol, catalão, italiano, francês), as frases com verbo inicial constituíram um contexto de resistência à mudança. Por outro lado, no português brasileiro, que desde há muito alargou a próclise a todos os contextos sintáticos, as frases com verbo inicial são as que, na língua escrita, por pressão prescritiva, mais conservam a colocação enclítica. Comparando entre si os quadros 2 e 3 verificamos que embora os valores da próclise sejam um pouco mais baixos nas frases com verbo inicial, a diferença não é grande. Ou seja, a percentagem de próclise nos contextos que permitem ver a mudança (da ênclise para a próclise) é muito significativa tanto nas frases V1 (globalmente 41,7%) como nas frases não-V1 (globalmente, 44,6%), o que interpreto como indicador de que a distinção entre os dois tipos de configuração sintática não é relevante para compreender a mudança que está em curso no português angolano.

(5) – bom salto!

Ihe disse (Ondjaki: 2020, 122)

(6) – *diz-me*

– o quê, camarada professora? (Ondjaki 2020, 124)

QUADRO 3 - Próclise/ênclise em frases finitas V1 (português angolano)

	Próclise	Ênclise
Pepetela (2011)	77 (58,8%)	54 (41,2%)
Ondjaki (2003)	2 (11,1%)	16 (88,9%)
Ondjaki (2007)	0	26
Ondjaki (2008)	7 (24,1%)	22 (75,%)
Ondjaki (2011)	2 (33,3%)	4 (66,7%)
Ondjaki (2020)	8 (40%)	12 (60%)
TOTAL	96 (41,7%)	134 (58,3%)

Faremos agora um percurso idêntico para o português moçambicano, tal como se apresenta no corpus estudado. O quadro 4 tem a mesma estrutura que o quadro 2 e as colocações dos clíticos por contexto sintático relevante estão exemplificadas, seguindo no quadro a orientação da esquerda para a

direita, pelas frases em (7)-(8), por um lado, e (9)-10), por outro.⁸

- (7) Não. Eu sou taxista, ela *me chamava* quando precisava de boleia. (Manjate 2017: 61)
- (8) Nada. Quer dizer, eu não sei, apenas fiz o de sempre. Ela *ligou-me* e eu dei boleia a ela e ao seu cliente. (Manjate 2017: 62)
- (9) a. A trabalhar também *se aprende*, camarada! (Manjate 2017: 10)
b. Quando ela *se voltou*, percebi que tinha sentido o meu olhar, foi aí que descobri que era cega. (Manjate 2017: 54-55)
c. Agora é um homem sem rotina, dado aos sabores que ainda *lhe reserva* o parco cabelo grisalho na calvície sempre suada por causa do uísque. (Manjate 2017: 10)
- (10) a. Ela também *recebia-me*, mas considerava-se imprópria para mim. (Manjate 2017: 97)
b. Quando o velho Muzivhi *calou-se*, a multidão hipnotizada virou a cabeça lentamente (Manjate 2017: 22)
c. Mal abriram a porta do gabinete, a secretária, que ainda *achava-se* pregada ao televisor, colocou-se de pé e perguntou “Como foi?!” (Manjate 2017: 48)

QUADRO 4 - Próclise/ênclise em frases finitas não-V1 (português moçambicano)

	afirmativas s/ proclisadores		negativas, subordinadas, afirmativas c/ proclisadores	
	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise
Mia Couto (1990)	444 (74,1%)	155 (25,9%)	371 (99,2%)	3 (0,8%)
Chiziane (2003)	164 (20%)	657 (80%)	965 (99,6%)	4 (0,4%)
Manjate (2007)	32 (9,9%)	290 (90,1%)	217 (87,1%)	32 (12,9%)
TOTAL	640 (36,7%)	1102 (63,3%)	1553 (97,6%)	39 (2,4%)

⁸ Para a variação entre próclise e ênclise em frases finitas, não-V1, vejam-se adicionalmente os seguintes exemplos, que exibem as duas colocações bem perto entre si:

(i) a matrona *aproxima-se* e a *toma* nos seus braços (Manjate 2017: 39)

(ii) Sim, *conheço-a* e a *comi* várias vezes. Mas não a matei. (Manjate 2017: 89)

Uma primeira observação se torna óbvia analisando os dados do quadro 4: há um grande contraste entre Mia Couto, que representa a geração nascida no período colonial, e Manjate que representa a geração pós-colonial (já falarei de Chiziane). O contraste não vai na direção que poderíamos esperar e é muito marcado, tanto nos contextos que são caracteristicamente de ênclise no português europeu como naqueles que são caracteristicamente de próclise. Enquanto os dados de Mia Couto se alinham bem com os de Pepetela, no quadro 2, os de Manjate não se alinham com os de Ondjaki, nem mesmo o Ondjaki de *Bom Dia Camaradas*, embora seja com este texto que a diferença é menor. Mais do que a frequência baixa da próclise em frases afirmativas sem proclisadores (9,9% contra os 74% de Mia Couto), o que chama a atenção no texto de Lucílio Manjate são as ocorrências de ênclise nos contextos que no português europeu são de próclise obrigatória. E não é aqui só uma questão de frequência mas também de distribuição (cf. (10) acima). A ênclise regista-se em *Rabha* (Manjate 2017) não só em orações subordinadas (completivas, relativas, temporais de *quando* e *enquanto*, clivadas, causais), mas também em frases com marcadores de foco (*também*, *até*, *só*, *apenas*) ou quantificador (*tudo*) a preceder o verbo e numa interrogativa *qu-* (*E com que autoridade eu aponteilhe aquela arma?*, Manjate 2017: 78).⁹ Antes de propor uma explicação para estes dados, que parecem pôr o português moçambicano numa rota regressiva relativamente à expansão da próclise, vejamos o que nos mostram as frases em que o verbo ocupa a primeira posição na frase. Os dados estão organizados no quadro 5 e exemplificados pelas frases em (11) e (12).

- (11) a. Eu conheço. *Lhe apanhei lááá*, na Baixa, a chorar; *lhe dei* cama, comida, *lhe dei* tudo. (Manjate 2017: 46)
b. Dali mesmo, cara, daquela dependência. *Nos cruzamos* umas vezes (Manjate 2017: 106)
- (12) a. *Preocupava-lhe* a timidez ou o medo que o aprendiz de curandeiro parecia denunciar sempre que encarava o agente Sthoe. (Manjate 2017: 83)
b. Por que faria isso? *Interessava-me* apenas que tomasses a iniciativa de ir até lá (Manjate 2017: 103)

⁹ As 3 ocorrências de ênclise em Mia Couto distribuem-se por uma subordinada relativa, uma interrogativa *qu-* e uma frase negativa. Deste modo, apesar de a percentagem de ocorrências ser marginal, há uma convergência com Manjate e divergência relativamente aos autores angolanos que apenas registam ocorrências de ênclise, nos contextos relevantes, em orações subordinadas.

QUADRO 5 - Próclise/ênclise em frases finitas V1 (português moçambicano)

	Próclise	Ênclise
Mia Couto (1990)	36 (25,7%)	104 (74,3%)
Chiziane (2003)	0	530
Manjate (2007)	6 (9,7%)	56 (90,3%)
TOTAL	42 (5,7%)	690 (94,3%)

Quando comparámos entre si os quadros 2 e 3, concluímos que o corpus do português angolano não revela diferença significativa entre frases V1 e não-V1 no que diz respeito à colocação dos clíticos. O mesmo se pode dizer se compararmos os dados de Manjate nos quadros 5 e 6. O mesmo não acontece relativamente aos outros dois autores moçambicanos, o que se vê bem em Mia Couto (os 74% de próclise nas frases em que o verbo não ocupa a primeira posição descem par 25,7% nas frases V1), mas é particularmente notório em Chiziane. Em Mia Couto temos talvez o tipo de efeito decorrente de pressão normativa que também se vê no português brasileiro escrito. Em Chiziane, que não tem próclise em frases V1 e tem menos próclise do que Mia Couto nas frases não-V1, embora sejam da mesma geração, pode estar em causa o mesmo efeito mas com maior impacto por Chiziane não ser falante nativa do português, tendo-o aprendido em contexto escolar (cf. nota 6). Um padrão semelhante foi observado por Mutali (2019) relativamente a Gociante Patissa, escritor angolano que tem o umbundu como língua materna. Comparativamente a Pepetela e Ondjaki, revelou-se o mais 'conservador', isto é, o menos distanciado do português europeu relativamente à colocação dos pronomes clíticos.

Voltando agora aos dados de Manjate no quadro 4, impõe-se perguntar se serão indicativos de que o português moçambicano, contrariamente ao português angolano, não evoluirá afinal no sentido da generalização da próclise (os dados parecem mais condizentes com a hipótese de instabilidade generalizada de Hagemer 2016). A minha resposta cautelosa é negativa. O que pode estar a acontecer é que uma geração mais jovem de escritores (se é que os dados de Lucílio Manjate não são idiossincráticos) terá uma perceção sociolinguística da próclise já não como marca identitária mas antes como indicador de baixa escolaridade. O excerto de *Rabha* que transcrevo a seguir aponta nesse sentido. A personagem Margarida aparece

apenas ocasionalmente ao longo do texto, embora tenha um papel central na trama narrativa. Cinco das seis ocorrências de próclise em posição inicial aparecem na fala desta personagem (cf. (11a) acima). Na sequência textual que transcrevo, a prostituta analfabeta Margarida revela-se afinal uma agente secreta. Enquanto mantém o disfarce usa vários indicadores linguísticos para o suportar, entre eles, a próclise. Quando revela a sua verdadeira identidade, fá-lo mudando de registo linguístico e produzindo até uma subordinada com ênclise. No excerto abaixo transcrito, destaco a *itálico* as ocorrências relevantes de próclise, as observações sobre o português falado por Margarida no momento em que abandona o disfarce e a subordinada finita com pronome enclítico.

O recém-chegado aproximou-se mais da senhora, subiu o primeiro dos três degraus que davam à entrada da casa, olhou-a nos olhos e disse:

“A senhora não se lembra de mim?”

A prostituta cerrou os olhos e o peito começou a arquejar. Bernardo Sozinho tirou uma fotografia de Rabhia, colocou-a a um palmo do rosto de Margarida e atacou:

“Eu venho falar da morte desta jovem.”

Margarida voltou a abrir os olhos, arrancou a fotografia da mão do agente, cuspiu nela e atirou-a ao chão.

“Essa é muito puta.”

“Mas a senhora é que *lhe* ensinou”, disse Bernardo Sozinho depois de apanhar a fotografia com as impressões digitais da velha. Margarida apercebeu-se que os vizinhos aproximavam-se atraídos pela discussão e entrou, deixando a porta aberta. Bernardo Sozinho acompanhou-a e fechou a porta.

História dessa aí você não conhece. Senta. Até estás bem-apegoado! Quer vinho? Bernardo fez que não enquanto tratava de proteger a fotografia no equipamento que trazia na pasta de costas.

Rabhia *lhe* *salvei* a vida, mas, puta ingrata, roubou meus clientes. *Lhe* *apanhei* na Baixa, a chorar, disse um senhor Boanar... trabalha lá na Baixa, no Salim. Quem é Salim? Tem loja de lâmpada, na Baixa. Esse Boanar *lhe* *levou* de Nampula por causa dessa guerra. Fugiram, mas depois *lhe* *esqueceu* na Baixa. Eu *lhe* *apanhei*, cuidei-*lhe* e *lhe* *ensinei* tudo. Clientes vinham aqui

por nossa causa, mas eu já estou velha, mas a casa é minha. Discuti porque dizia dinheiro era pouco, então eu disse vai-te embora. Sthoe mais aquele amigo dele vinham aqui, todos dias, e outros...

Bernardo Sozinho achou estranho que Margarida falasse do mestre naquele tom, com aquele à vontade, como se soubesse que o mestre o tivera dito que frequentara a casa.

...por isso ela começou confusão de dinheiro, mas eu disse a casa é minha vai te embora. Não foi sozinha, levou meus clientes. Não sou nova no negócio, só estou velha, por isso abuso não gosto.

Por isso a senhora a matou?

Cada um mata como pode. Eu também já morri. E quem me matou? Foi quem? Rabhia. Você *me prende*? Não sou pequena, saio amanhã pra rir na tua cara. Essa morte não interessa. Ou vou-te falar mortes de verdade? Queres ver? Você nem me conhece, só vem aqui, diz vai-me prender. *Me prende lá.*

Porquê teu chefe não veio contigo? *Lhe pergunta.* Sabe aqui não é fácil, afinal é primeira vez? Acha ele gosta de ti? Tem medo.

Medo?

Sim, medo.

Medo de quê?

De teu tio.

Meu tio?! A senhora conhece meu tio? Qual meu tio?

Margarida soltou uma gargalhada estrondosa e disse Vanimal, teu tio Vanimal. Não é esse o nome?

É, disse Bernardo Sozinho, confuso.

E como achas sei?

Bernardo Sozinho calou-se agora assustado.

É simples, estivemos todos em Niassa, na guerra.

A senhora... a senhora afinal fala...

Se falo bem o Português?, disse Margarida a rir-se. Agora imagina que aqui ninguém sabe. Faz parte do disfarce. Aqui não passo de uma prostituta analfabeta. É o meu trabalho, pagam-me para isso, para manter a ordem neste bairro e na Baixa, já agora. Para manter até uma ordem nacional, se for necessário. Estou a instruir outras putas como eu, mas não vivem da fornicção, nenhuma de nós vive da fornicção. É verdade que isso muda-nos um pouco

o carácter, ossos do ofício, ficamos como que loucas. (Manjate 2017, Rabhia, pp. 113-115)

Algumas notas adicionais antes de concluir esta secção. Nas falas de Margarida contidas neste excerto há 9 ocorrências de próclise e 4 de ênclise em frases afirmativas sem proclisadores, muito acima da percentagem de próclise na totalidade do texto. Mas tendo em conta que o trabalho editorial de revisão do livro é muito deficiente, apresentando o texto muitas gralhas, podemos até perguntar-nos se alguns dos hífen indicadores de ênclise (e.g. *vou-te falar, vai-me prender*) serão do autor ou da revisora. Parece, de facto, improvável que seja do autor a variação entre *vai-te embora* e *vai te embora* (ver acima). Indicadores linguísticos que servem o disfarce de Margarida são, entre outros, a concordância, a omissão de determinante, complementador e pronome reflexivo ou o uso do pronome *lhe* com verbos transitivos diretos (*lhe salvei, lhe apanhei, lhe levou*). Este último traço, que tem sido descrito como característico do português moçambicano e angolano (está muito presente em Ondjaki), aparece pouco ao longo de *Rabhia* (mas veja-se (12a) acima). No texto do narrador e nas falas do personagem-narrador, Bernardo Sozinho, é frequente aparecer, pelo contrário, o pronome acusativo a substituir o dativo (como, acima, em *Bernardo Sozinho achou estranho que Margarida falasse do mestre naquele tom, com aquele à vontade, como se soubesse que o mestre o tivera dito [= lhe tinha dito] que frequentara a casa*).¹⁰ Esta peculiaridade linguística do texto de Manjate leva-me a pensar se o alargamento da ênclise a contextos tipicamente proclíticos, em contraponto a uma incidência forte da próclise, poderá ser também uma estratégia de demarcação relativamente a registos linguísticos sentidos como socialmente marcados.¹¹

¹⁰ Outros exemplos de clítico acusativo em lugar de dativo:

(i) tudo graças à argúcia do pai, Segundo Sthoe, em convencer a Conservatória portuguesa a *colocá-lo* o nome de um antepassado-avô (Manjate 2017: 14)

(ii) Dona Margarida, senhora de feio verbo, segundo os cabralenses que a *puseram* a alcunha (Manjate 2017: 18)

(iii) Mas vendo que o velho não *o respondia* [= *lhe respondia*], embora o observasse muito atento, Sthoe insistiu (Manjate 2017: 23)

(iv) O Comandante Vanimal não descansou enquanto não *o garantissem* que o sobrinho, inapto, haveria de ser convocado ao treinamento militar em Nacala-Porto (Manjate 2017: 52)

¹¹ Numa entrevista que teve lugar no Maputo em 2011, transcrita e publicada em 2016, Lucílio Manjate produz algumas orações subordinadas com ênclise:

(i) Aliás, saber quem sou é uma pergunta que eu *faço-me* constantemente. (Khan, Falconi & Krakowska 2016: 316)

(ii) E eu acho que é esta tensão que me move de uma forma de desabafo de dizer que *considero-me*, pessoalmente, fora da literatura (Khan, Falconi & Krakowska 2016: 316)

3. Próclise/ênclise com infinitivo, gerúndio e participípio passado na língua literária de Angola e Moçambique

As frases (13)-(14), por um lado, e (15-16), por outro, exemplificam as colocações próclítica e enclítica nos contextos sintáticos representados no quadro 6, dedicado à cliticização ao infinitivo simples, distinguindo entre orações infinitivas não introduzidas por preposição ou introduzidas pela preposição a e orações infinitivas introduzidas por outras preposições.¹²

- (13) a. o Bruno Viola vai estar a rir no portão antes de a mãe dele vir cá fora *lhe ralhar* (Ondjaki 2020, 68-69)
 b. um cóboi já não pode se *dar* de herói, fica só esperto: as poucas balas, o tiro de acertar quem afinal ia *lhe matar* (Ondjaki 2020, 49)
 c. – vamos *s’atirar* – o Bruno gritou (Ondjaki 2020, 124)
 d. Com a minha avó e prima lá em casa, a minha mãe ia mais *lhe convidar* para almoçar? (Ondjaki 2003: 125)
 e. já tinham nos dado surra nos skates e também nas damas andavam a *nos ganhar* (Ondjaki 2020: 91)
- (14) a. o meu pai quis *ver-me* a entrar na sala de aula, cumprimentou uma senhora e ainda veio falar comigo (Ondjaki 2020: 22)
 b. é só ir lá avisar que o Lobo se esqueceu dela e perguntar se ela quer ir ao Mussolo ou se podem ir *buscá-la* amanhã (Ondjaki 2020: 162)
 c. ficou parada, à espera, a *ver-me* chegar até ao meio da piscina (Ondjaki 2020: 124)
- (15) a. ela disse que sim só *para me despachar*, ia toda contente de mãos dadas com o Mateus (Ondjaki 2007: 28)
- (16) b. a t-shirt estava tão molhada que voltei lá fora *para deixá-la* já pendurada na corda (Ondjaki 2007: 132)

(iii) Mas eu também tenho um episódio, que também *faz-nos* pensar que a tradição no fundo não existe. (Khan, Falconi & Krakowska 2016: 320)

(iv) mas, se por um lado ele *chama-nos* atenção para cultivar essa mesma tradição, por outro lado ele diz assim (Khan, Falconi & Krakowska 2016: 321)

¹² Nas perífrases verbais com *estar* seguido de a-infinitivo, o pronome proclítico pode preceder a preposição:

(i) eu tou *t’a dizer* (Ondjaki 2020: 169)

(ii) ó tia, tou *ta dizer* (Ondjaki 2003: 62)

(iii) Tou *ta dizer* que ele num vem... (Ondjaki 2003: 89)

(iv) Epá *tô ta dizer*, ele tinha bom ângulo de visão... (Ondjaki 2003: 108)

(v) tou *ta dizer*, é verdade... (Ondjaki 2003:135)

QUADRO 6 - Próclise/ênclise em orações de infinitivo simples (português angolano)

	Ø-inf / a-inf		Prep-inf	
	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise
Pepetela (2011)	90 (39%)	141 (61%)	134 (99,3%)	1 (0,7%)
Ondjaki (2003)	54 (78,3%)	15 (21,7%)	26	0
Ondjaki (2007)	27 (71,1%)	11 (28,9%)	23 (92%)	2 (8%)
Ondjaki (2008)	69 (77,5%)	20 (22,5%)	53	0
Ondjaki (2011)	12 (92,3%)	1 (7,7%)	6	0
Ondjaki (2020)	65 (80,2%)	16 (19,8%)	46	0
TOTAL	317 (60,8%)	204 (39,2%)	288 (99%)	3 (1%)

O quadro 6 mostra-nos que a próclise é mais frequente do que a ênclise nas orações infinitivas não preposicionadas ou introduzidas pela preposição *a* e que se generalizou nas orações infinitivas introduzidas por outras preposições, sendo aí a ênclise marginal.¹³ Se compararmos a segunda e terceira colunas do quadro 6 com a segunda e terceira colunas do quadro 2 (têm em comum representarem contextos sintáticos que no português europeu são de ênclise obrigatória), vemos que a expansão da próclise está, no corpus estudado, mais avançada na cliticização ao infinitivo do que na cliticização às formas finitas do verbo. Há que notar, no entanto, que o quadro 6 revela uma diferença importante entre Pepetela e Ondjaki quanto à frequência da próclise nas infinitivas não preposicionadas ou com a preposição *a*: 39% em Pepetela contra, globalmente, 78% em Ondjaki. Esta diferença parece mostrar um avanço significativo da variante inovadora entre as duas gerações e também que a próclise ao infinitivo será sentida pelos escritores mais jovens como natural na língua literária (isto, claro, se não for afinal uma particularidade de Ondjaki).

Comparando os dados do corpus de português angolano com os do corpus de português moçambicano (veja-se o quadro 7 e os exemplos que o precedem), encontramos agora uma diferença muito clara. Mia Couto, Chiziane e Manjate apresentam todos valores relativamente baixos de próclise ao infinitivo não preposicionado ou com preposição *a*

¹³ Uma das duas ocorrências de ênclise em *Os da Minha Rua* (Ondjaki 2007), poderia igualmente interpretar-se como um caso de próclise ao participio passado não fora a presença do hífen:

(i) Mesmo eu já tinha sido ralhado muitas vezes pelo meu pai, só por ter-lhe acordado na conta de umas pessoas chatas que tinham vindo lhe incomodar. (Ondjaki 2007, 36).

(globalmente, 4,7%, em contraste com os 60,8% dos autores angolanos). A percentagem de próclise sobe muito nas orações infinitivas introduzidas por outras preposições, mas fica ainda longe da próclise generalizada que se observa em Pepetela e Ondjaki (aqui os 66,4% de próclise do conjunto dos textos de escritores moçambicanos compara com 99% nos textos de autores angolanos). Chiziane volta a destoar de Mia Couto (e também de Manjate) pela elevada percentagem de ênclise com o infinitivo preposicionado. Sendo Mia Couto e Chiziane da mesma geração (ambos nasceram em 1955), coloca-se de novo a hipótese de que seja relevante para a interpretação dos dados o português ser língua materna ou língua segunda, mesmo tratando-se de escritores e língua literária.

- (17) a. e vamos *nos comer* uns aos outros (Manjate 2017: 46)
 b. com tanta gaja boa por aí e tu vais *te apaixonar* logo por uma morta?
 (Manjate 2017: 93)
 c. O leitor deve *se perguntar* por que não tiraram as digitais do agente
 Sthoe. (Manjate 2017: 109)
- (18) a. Vou *contar-vos* a história desta bela jovem... (Manjate 2017: 22)
 b. Ó menina, vou *ensinar-te* uma coisa: uma puta diz apenas o que vale.
 (Manjate 2017: 74)
 c. Eu devia *libertá-la* para morrer. (Manjate 2017: 116)
- (19) Comunicou o desejo *de se casar* com ela às estruturas superiores.
 (Manjate 2017: 95-96)
- (20) Há muitas formas *de ser-se* superior, nesta vida. (Manjate 2017: 52)

QUADRO 7 - Próclise/ênclise em orações de infinitivo simples (português moçambicano)

	Ø-inf / a-inf		Prep-inf	
	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise
Mia Couto (1990)	6 (8,7%)	63 (91,3%)	30 (85,7%)	5 (14,3%)
Chiziane (2003)	4 (2,3%)	167 (97,7%)	76 (56,7%)	58 (43,3%)
Manjate (2007)	5 (6,4%)	73 (93,6%)	36 (80%)	9 (20%)
TOTAL	15 (4,7%)	303 (95,3%)	142 (66,4%)	72 (33,6%)

Olhando para outros domínios não finitos (gerúndio e participío passado), confirma-se a mais rápida progressão da próclise no português angolano relativamente ao português moçambicano, pelo menos tanto quanto a língua literária nos deixa ver (acredito que seja reveladora do grau de consolidação da mudança, i.e., difusão na comunidade de falantes e aceitação transversal a diferentes grupos sociolinguísticos).

O indicador mais importante é a possibilidade de cliticização, em próclise, ao participío passado, inovação bem conhecida do português brasileiro, mas estranha à maioria das línguas românicas. Esta opção está bem representada em Ondjaki (frases em (23) e quadro 8) mas tem uma única ocorrência em Manjate (exemplo (25) e quadro 9). Que se trata de uma inovação recente (ou de uma aceitação recente da inovação) é sugerido pelo facto de nem Pepetela nem Mia Couto nem Chiziane apresentarem ocorrências de próclise ao participío passado. Ou seja, neste caso têm comportamento semelhante todos os autores da geração mais antiga (os nascidos no período colonial), quer sejam angolanos ou moçambicanos.

Os dados relativos ao gerúndio têm pouca relevância por serem parcelares (vejam-se os quadros 8 e 9 e os exemplos (21)-(22) e (24)). Ainda assim, em linha com o que já foi dito, vemos atestações de próclise ao gerúndio no português angolano, com expressão muito significativa em Pepetela, mas não no português moçambicano.¹⁴ Os zeros em Ondjaki e Mia Couto resultam de estes autores usarem pouco o gerúndio, mas isso seria assunto para um outro artigo.¹⁵

- (21) Tremeu e gemeu durante uma semana, sendo Nzoji a sua ama-seca, *lhe dando* infusões de plantas desconhecidas. (Pepetela 2011: 228)
- (22) O João aproveitou pois para o interrogar, *pagando-lhe* mais vinho. (Pepetela 2011: 69)

¹⁴ Na entrevista que Sheila Khan, Jessica Falconi & Kamila Krakowska realizaram no Maputo em 2011, o poeta moçambicano Sininho Paco oferece-nos um exemplo de próclise ao gerúndio, mostrando que esta colocação também é possível no português moçambicano:

(i) E, a certo ponto, eu ia *me questionando*, no meio em que eu me inseria questionava certas diferenças com que eu me debatia na altura, e os espíritos que viviam dentro de mim também não me deixavam quieto, obviamente. (Khan, Falconi & Krakowska 2016: 318)

¹⁵ Mutali (2019) regista duas ocorrências de próclise ao gerúndio em Ondjaki (2007). Mas trata-se de transcrição de uma canção de Roberto Carlos, como tal identificada no texto de Ondjaki. Por essa razão não incluí essas ocorrências nos dados do corpus:

(i) «por mais que eu faça, não adianta, você nem nota, minha existência; e os dias passam correndo, vou acabar te perdendo, e os dias passam correndo, vou acabar te perdendo...». (Ondjaki 2007: 93)

- (23) a. os guardas nem tinham *nos visto*: a horta era nossa (Ondjaki 2020: 44)
 b. eu que sabia sempre de tudo não tinham *me contado* nada (Ondjaki 2020: 64)
 c. as pombas da tia Rosa tinham todas *se acalmado* (Ondjaki :2020, 140)
 d. ele conhecia um médico que já tinha *lhe avisado* mesmo que a água faz muito mal e não deve ser bebida em exagero (Ondjaki 2020: 168)

QUADRO 8 - Próclise/ênclise com gerúndio e participio passado (português angolano)

	gerúndio (s/ proclisadores)		Participio passado
	Próclise	Ênclise	Próclise
Pepetela (2011)	33 (41,25%)	47 (58,75%)	0
Ondjaki (2003)	0	1	10
Ondjaki (2007)	0	0	4
Ondjaki (2008)	0	0	9
Ondjaki (2011)	0	0	0
Ondjaki (2020)	0	0	20
TOTAL	33 (42,2%)	48 (57,8%)	43

- (24) Sthoe insistiu, desta vez *dirigindo-se* a José Património (Manjate 2017: 23)
 (25) Aliás, eles já haviam *se apercebido* da minha desconcentração (Manjate 2017: 96)

QUADRO 9 - Próclise/ênclise com gerúndio e participio passado (português moçambicano)

	gerúndio (s/ proclisadores)		Participio passado
	Próclise	Ênclise	Próclise
Mia Couto (1990)	0	0	0
Chiziane (2003)	0	33	0
Manjate (2007)	0	17	1
TOTAL	0	50	1

4. Sumário dos resultados e observações conclusivas: a expansão da próclise na "língua desportuguesa"

Neste trabalho procurou-se avaliar a presença na língua literária de uma mudança sintática em curso no português angolano e no português moçambicano. Concretamente, o espriamento da próclise para contextos sintáticos que não são aqueles em que tipicamente ocorre no português europeu. Observou-se que a mudança é mais visível nas obras de autores angolanos (Pepetela, Ondjaki) do que de autores moçambicanos (Mia Couto, Paulina Chiziane, Lucílio Manjate). Também é entre os autores angolanos de gerações diferentes (colonial e pós-colonial) que se vê, como seria esperável, uma progressão da mudança, em particular relativamente à cliticização ao infinitivo e ao particípio passado. Pelo contrário, comparando os dados de Mia Couto com os de Manjate parece ver-se uma regressão da mudança, o que interpretei como indicador de que a expansão da próclise não tem uma aceitação transversal aos falantes do português moçambicano, podendo ser percecionada como socialmente marcada pelos mais jovens e educados.

Enquadrando teoricamente os resultados do presente estudo, o facto de o português angolano e o português moçambicano estarem a evoluir no sentido da generalização da próclise, um caminho que o português brasileiro já fez, parece dar razão aos que veem no contacto com as línguas bantu a motivação da mudança (cf., entre outros, Inverno 2009a, 2009b; Avelar & Galves 2014; Undolo 2014; Santos 2018). Mas, no quadro teórico da gramática generativa, as análises que derivam a ênclise a partir da próclise através do movimento do verbo para uma posição funcional alta (e.g. Kayne 1991; Martins 1994a, 1994b; Uriagereka 1995; Raposo 2000; Raposo & Uriagereka 2005; Fernández-Rubiera 2009, 2010) também poderiam explicá-la. Com efeito, a perda de movimento do verbo, em certas configurações sintáticas, é uma mudança largamente observada e descrita nas línguas do mundo. As duas hipóteses não são alternativas, antes são complementares. Em dialetos do português europeu que não estiveram em contacto com as línguas bantu também pode ver-se, com uma dimensão mais limitada, o alargamento da próclise aos contextos de infinitivo (Martins 2020), como aliás aconteceu também, historicamente, no francês (enquanto

o espanhol, o catalão e o italiano generalizaram a próclise apenas nas frases finitas). Podemos então pensar que a própria sintaxe dos clíticos contém em si esse potencial de mudança no sentido do alargamento da próclise (fator interno), potencial que pode ser ativado e acelerado em situações de contacto com línguas com certas características, como as línguas bantu (fator externo). A possível interação entre os dois tipos de fatores é tema suficientemente complexo para alimentar diversificada investigação futura.

Metodologicamente, os dados analisados neste estudo indicam que trabalhar com um corpus que permite observar gramáticas individuais é não só útil mas parece necessário. Caso contrário, poderemos incorrer no equívoco de querer dar sentido a um conjunto de dados que não corresponde afinal à gramática de ninguém (a classificação dos dados por perfis sociolinguísticos pode não ser suficiente e pode decorrer daí a ideia de instabilidade generalizada). Sem surpresas, revelou-se relevante neste trabalho a distinção entre falantes que têm o português como língua materna (L1) e falantes que o aprenderam como segunda língua (L2). Mas o que talvez traga alguma novidade é que, ao contrário do papel que tem sido atribuído aos falantes de português L2 como motores de mudança, os falantes cultos que aprenderam o português como segunda língua se revelam mais conservadores relativamente à expansão da próclise do que os que têm o português como língua materna. Isso vê-se na comparação entre os moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane, ambos nascidos em 1955, mas o primeiro tendo o português e a segunda o chope como línguas maternas. E também se vira já em Mutali (2019) na comparação entre os angolanos Ondjaki e Gociante Patissa, ambos nascidos na década de 70, mas o primeiro tendo o português e o segundo o umbundu como línguas maternas.

CORPUS

[Angola]

- Ondjaki 2003. *Bom dia camaradas*. Lisboa: Caminho. 4ª edição (2018).
Ondjaki 2007. *Os da minha rua*. Lisboa/Luanda: Caminho. 11ª edição (2017).
Ondjaki 2008. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. Alfragide: Caminho. 2ª edição (2009).
Ondjaki 2011. *A bicicleta que tinha bigodes*. Lisboa: Caminho. 7ª edição (2020).
Ondjaki 2020. *O livro do deslebramento*. Lisboa: Caminho.
Pepetela 2011. *A Sul. O sombreiro*. Lisboa: D. Quixote.

[Moçambique]

- Chiziane, Paulina 2004. *Niketche. Uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras.
Couto, Mia 1990. *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Caminho. 2013.
Manjate, Lucílio 2017. *Rabhia*. Edições Esgotadas.

REFERÊNCIAS

- Avelar, J. & Galves, C. 2014. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Revista Linguística – ALFAL*. 30(2): 241-288.
Browne, C. 2021. A colocação de pronomes clíticos em *Niketche. Uma história de poligamia* da autora Paulina Chiziane. Trabalho final do Seminário de Linguística Histórica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.
Chavagne, J.P. 2005. La langue portugaise d'Angola: étude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais. Université Lumière Lyon. Tese de doutoramento.
Fernández-Rubiera, F. J. 2009. *Clitics at the Edge: Clitic Placement in Western Iberian Languages*. Georgetown University, Washinton, DC. Tese de doutoramento.
Fernandez-Rubiera, Francisco J. 2010. Force^o, Finiteness^o, and the placement of clitics in Western Iberian. *Estudos de Linguística Galega*. 2(1): 75-95.
Inverno, L. C. C. 2009a. Contact-induced restructuring of Portuguese morphosyntax in interior Angola. *Evidence from Dundo (Lunda Norte)*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de doutoramento.

- Inverno, L. C. C. 2009b. A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In Ana Carvalho (Ed.). *Português em contacto*. Frankfurt A.M./Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 87-106.
- Gerards, D. P. 2018. The Harbinger of a New Standard? The Placement of Clitic Object Pronouns in Colloquial Angolan Portuguese. Acesso em 12.06.2021: <https://pt.scribd.com/document/406120197/Gerards-Angolan-Portuguese>. A publicar em Verónica Böhm, Anja Hennemann & Benjamin Meisnitzer (Eds.). *Sprachkontakt und Grammatikalisierung [provisionary title]*. Heidelberg: Winter.
- Gonçalves, P. 2000. Para uma aproximação Língua-Literatura em português de Angola e Moçambique. *Via Atlântica*. 4: 212-223. <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49614>
- Hagemeijer, T. 2016. O português em contacto em África. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (Eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*, Berlin/Boston: De Gruyter, 43-67.
- Khan, S., Falconi, J. & Krakowska, K. 2016. Moçambique: novas gerações em diálogo. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*. 41: 314-329.
- Kayne, R. 1991. Romance clitics, Verb-movement, and PRO. *Linguistic Inquiry*. 22(4): 647-686.
- Martins, Ana Maria. 1994a. Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma. *Probus*. 6(2-3): 173-205.
- Martins, A. M. 1994b. Clíticos na História do Português. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento.
- Martins, A. M. 2013. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (Eds.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2231-2302.
- Martins, A. M. 2016. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In: Ana Maria Martins & Ernestina Carrilho (Eds.). *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: De Gruyter, 401-430.
- Martins, A. M. 2021. Microvariação na sintaxe dos clíticos: os dialetos portugueses dos Açores e Madeira. *Estudos de Linguística Galega* 13: 67-105.
- Mutali, H. 2019. A colocação dos pronomes clíticos no português angolano escrito. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Mestrado.
- Quan, Y. 2021. A colocação dos pronomes clíticos no português escrito de Moçambique. final do Seminário de Linguística Histórica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.
- Raposo, E. P. 2000. Clitic positions and verb movement. In: João Costa (Ed.). *Portuguese*

- syntax: New comparative studies*. Oxford: Oxford University Press, 266-298.
- Raposo, E. P. & Uriagereka, J. 2005. Clitic Placement in Western Iberian: A minimalist view. In: Guglielmo Cinque & Richard S. Kayne (Eds.). *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 639-697.
- Santos, L. M. da S. 2018. A influência africana no português vernáculo brasileiro: reflexões sobre clíticos de objeto. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado.
- Soma Adriano, P. 2015. *A crise normativa do português em Angola: cliticização e regência verbal – que atitude normativa para o professor e o revisor?*. Luanda: Mayamba.
- Stilz, M. 2021. A colocação dos pronomes clíticos no português escrito literário da variedade de Angola (Luanda) na obra de Ondjaki: *AvóDezanove e o Segredo do Soviético*. Trabalho final do Seminário de Linguística Histórica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ms.
- Undolo, M. Edu da S. 2014. Caracterização da Norma do Português em Angola. Universidade de Évora. Tese de doutoramento.
- Uriagereka, J. 1995. Aspects of the syntax of clitic placement in western Romance. *Linguistic Inquiry*. 26(1): 79-123.